



**HABILIDADES SOCIAIS E PROBLEMAS DE COMPORTAMENTOS EM
ADOLESCENTES NA PERSPECTIVA DOS PAIS¹**

**SOCIAL SKILLS AND BEHAVIOR PROBLEMS IN ADOLESCENTS FROM THE
PARENTS PERSPECTIVE**

Lara dos Reis Martins¹¹

¹ Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul, como requisito parcial para obtenção do título de Psicóloga, 2023, orientado pela professora Dra. Rosa Cristina Ferreira de Souza. E-mail: rosa.souza@animaeducacao.com.br

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo identificar a perspectiva dos pais acerca de habilidades sociais e problemas de comportamentos de seus filhos adolescentes. Trata-se de uma pesquisa exploratória e qualitativa com a aplicação de um questionário online, do qual participaram 13 mães e 2 pais com filhos de 12 a 15 anos. Os resultados indicam alguns comportamentos internalizantes e/ou externalizantes dos filhos como preocupantes, dentre eles: a ansiedade, timidez e pouca interação com o meio social. Conclui-se a importância desta pesquisa por permitir identificar as percepções dos pais acerca dos comportamentos internalizantes e/ou externalizantes dos filhos, além de direcionar para a necessidade de os pais estarem mais atentos a situações escolares e ao cotidiano dos filhos, como as amizades, tarefas e lazer. Entende-se que são importantes novas pesquisas com a finalidade de alcançar maior número de participantes. Além disso, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas que possam problematizar habilidades sociais paternas/maternas e habilidades sociais dos filhos (crianças/adolescentes) na perspectiva deles e dos pais (respectivamente), proporcionando assim, ampliação da compreensão da construção de tais habilidades e as possibilidades de psicoeducação e intervenção.

Palavras-chave: Adolescentes. Habilidades Sociais. Comportamento. Pais. Psicologia.

Abstract: This research aims to identify the perspective of parents about social skills and behavioral problems of their teenagers. This is an exploratory and qualitative research with the application of an online questionnaire, in which 13 mothers and 2 fathers with children between 12 and 15 years old participated. The results indicate some internalizing and/or externalizing behaviors of the children as worrying, among them: anxiety, shyness and little interaction with the social environment. We conclude the importance of this research because it allows identifying the parents' perceptions about the internalizing and/or externalizing behaviors of their children, in addition to pointing to the need for parents to be more attentive to school situations and their children's daily lives, such as friendships, chores and leisure. It is understood that new research is important in order to reach a greater number of participants. In addition, it is suggested that new research be carried out that may problematize paternal/maternal social skills and social skills of children (children/adolescents) from their perspective and that of parents (respectively), thus providing a broader understanding of the construction of such skills and the possibilities of psychoeducation and intervention.

Keywords: Social Skills. Adolescents. Behavior. Parents. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

As habilidades sociais formam um conjunto de comportamentos que nos preparam para a interação com as pessoas. No cotidiano, as pessoas se deparam com as diferenças interindividuais as quais geram situações relacionadas ao manejo de habilidades sociais (HS). Para o autor Gresham (2009), entre outros teóricos pertinentes, as HS são compreendidas como um conjunto de comportamentos sociais com características específicas. Para ter uma vida social mais ativa, é preciso encontrar atitudes e comportamentos mais adequados para o convívio em sociedade. Isto é, desenvolver habilidades sociais que permitam expressar pensamentos, sentimentos e agir de maneira coerente, assertiva e empática, respeitando as pessoas e lidando de forma mais eficaz com as diferenças de pensamento e comportamento.

Assim, Rodrigues e Folquitto (2021) ressaltam que para as HS ocorrerem é necessário a interação de duas ou mais pessoas, permitindo a identificação de problemas internalizantes e externalizantes e seu manejo. Nesse sentido, as HS abrangem três conceitos fundamentais relacionados aos componentes cognitivo e intelectual (empatia), componente afetivo e componente comportamental (FALCONE, 1999).

Para os adolescentes, a expressão de sentimentos e opiniões com assertividade são ações difíceis, (considere-se que também para a maioria dos adultos), porém, pode ser moldada e aprendida com o tempo (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021). Por isso, há cinco conceitos utilizados para as HS que explicam como um adolescente ou adulto podem agir com outras pessoas, sendo a assertividade, não assertividade, agressividade, cognição social e o comportamento social. Estes conceitos expressam a necessidade de autoconhecimento, regulação emocional, reconhecimento e consideração de emoções e da perspectiva das outras pessoas, o que culmina em um comportamento social habilidoso.

Em relação às características de comportamento dos sujeitos, o processo de desenvolvimento das HS na infância é uma fase crítica para as crianças. Sendo assim, a importância de observar comportamentos adequados e não adequados é fundamental para se comportar em determinadas situações e evitar ações inadequadas perante a uma situação social (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021). Além disso, é importante também para relacionamentos com colegas e adultos na adolescência, adquirindo a habilidade de comunicação, expressividade e desenvolvimentos nas interações sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Os adolescentes, diante dos relacionamentos com os seus pais, estabelecem uma base de qualidade para relacionamento futuros, por isso, a relevância dos pais conhecerem como orientar seus filhos e ensinar as HS, para crescerem desenvolvendo seus limites, suas crenças e suas habilidades.

Nesse sentido, são fundamentais a atenção e a percepção dos pais quanto aos comportamentos e às potencialidades dos filhos, para que, a aquisição de tais HS possibilitem socializações mais equilibradas. Os pais são a base para o comportamento aprendido, pois, muitas vezes, eles são as referências para a aprendizagem das habilidades para os filhos. Pais que ensinam e aprimoram as HS dos seus filhos são exemplos para o processo de desenvolvimento das HS dos filhos. Com isso, a percepção dos pais é necessária para que os adolescentes possam ter uma socialização mais desenvolvida, moldando seus comportamentos futuramente.

O problema desta pesquisa tem como base a concepção biopsicossocial do indivíduo, ressaltando a percepção de comportamentos dos pais em relação aos seus filhos adolescentes, com atenção ao desenvolvimento da transição da infância para a adolescência. Diante dessas perspectivas, o intuito é identificar a percepção dos pais de adolescentes de 12 a 15 anos acerca das habilidades sociais dos filhos. Como objetivos específicos, buscou-se identificar a compreensão dos pais acerca das habilidades sociais presentes nas relações sociais dos filhos; verificar o reconhecimento da presença de problemas de comportamentos internalizantes e externalizantes; identificar as preocupações dos pais quanto aos comportamentos percebidos nos filhos.

1.1 HABILIDADES SOCIAIS

Habilidades Sociais (HS) são um conjunto de comportamentos sociais que apresentam características específicas. Refere-se a uma descrição dos comportamentos sociais valorizados em determinado grupo com alta probabilidade de resultados favoráveis para o indivíduo, sua cultura e sua comunidade, podendo contribuir para um desempenho socialmente competente em tarefas interpessoais. Isso permite identificar comportamentos passivos e ativos associados a transtornos externalizantes e internalizantes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

De acordo com Del Prette e Del Prette (2001), para um comportamento social ser classificado como HS, deve apresentar uma contribuição para a competência social em uma tarefa de interação social. Isto reflete, de um lado, a complexidade do próprio fenômeno das HS e, de outro, a diversidade dos aportes teóricos que permeiam esse campo, muitas vezes focalizando diferentes aspectos dessa complexidade. Tendo em vista, que a diversidade de HS é necessária, “mas não é o suficiente, para a competência social, que os dois termos não podem ser entendidos como sinônimos e que a definição de cada um deles remete necessariamente à definição do outro” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010, p. 106).

A competência social avalia o desempenho dos resultados imediatos na interação com o outro. Ela proporciona duas dimensões, instrumental e ética - moral. São ligadas a consequências imediatas, consequências tardias e consequências para o indivíduo e seu meio social. Para a dimensão instrumental, considerados socialmente competentes, os desempenhos que produzem consequências reforçadoras imediatas para o sujeito, devem ser compostos por habilidades sociais e ter coerência entre pensar, sentir e expressar. A dimensão ética - moral está relacionada a escolhas de consequências imediatas e de médio a longo prazo

(DITTRICH, 2010), consequências essas que levam ao aprimoramento da relação interpessoal sem exploração, mas sim com respeito (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010).

Em suma, para os critérios da competência social, as HS, compõem uma classe geral de comportamentos que apresentam probabilidades altas de consequências reforçadoras para o sujeito e grupo social, os comportamentos coercitivos ou agressivos não se encaixam entre os socialmente competentes, mesmo trazendo consequências positivas imediatas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010).

Para um melhor entendimento das HS, têm-se alguns conceitos fundamentais que não são compreendidos de uma forma clara e objetiva. São abordados seis conceitos das HS, trazendo transparência para a compreensão dos comportamentos mal interpretados. São eles: a empatia, a assertividade, não assertividade, agressividade, comportamento social e a cognição social. A **empatia**: trata-se das reações de um indivíduo com as experiências observadas de outro (DAVIS, 1980). É caracterizada pela expressão afetiva de compreensão com a experiência positiva ou negativa do sujeito. Pessoas não praticantes não conseguem distinguir o desconforto causado e não se arrependem do que fizeram (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). A empatia é uma habilidade de comunicação, que abrange três componentes: (1) **componente cognitivo e intelectual**: capacidade simples para entender a perspectiva da outra pessoa. (2) **componente afetivo**: sentimentos de compaixão, simpatia e preocupação com a outra pessoa. (3) **componente comportamental**: entendimento compreensível do sentimento e pensamento da outra pessoa (FALCONE, 1999). Dentro desses três componentes, têm-se algumas subclasses que são consideradas fundamentais para o aprimoramento e a prática da empatia em relação ao sujeito, como observar, prestar atenção, ouvir o outro, reconhecer, oferecer ajuda, entre outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Com respeito à **assertividade**: é uma classe de HS de enfrentamento em situações que envolvem risco de reação indesejável do interlocutor, com controle da ansiedade e expressão apropriada de sentimentos, desejos e opiniões. Ela implica tanto na superação da passividade quanto no autocontrole da agressividade e de outras reações não habilidosas. É na assertividade que se pode encontrar a noção de igualdade de direitos e deveres. Quando a habilidade assertiva se desenvolve na infância, tem grande chance de se manter ao longo da vida, quando não é tão exercitada o sujeito passa a se submeter à vontade de outros. Exercitando é possível desenvolver algumas habilidades assertivas, como expressar sentimentos negativos (raiva), falar sobre suas próprias qualidades e defeitos, concordar ou discordar de opiniões, fazer e recusar pedidos entre outros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Já a **não assertividade**: é quando alguma pessoa não manifesta os seus sentimentos ou seus pensamentos, apresentando, muitas vezes, comportamentos contra a sua vontade ou não se defendendo por medo de sua relação romper com o indivíduo. É a inibição e a negação da expressão de sentimentos, fazendo com que a pessoa acabe ficando ansiosa e vulnerável podendo ser explorada pelos outros (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Quanto ao conceito da **agressividade**: muitas vezes traz o objetivo alcançado, mas as consequências vêm junto, levando a mágoa para a pessoa atingida, fazendo o indivíduo deixar de fazer escolhas próprias e desvalorizá-lo como pessoa. Por outro ângulo, o comportamento assertivo concede a auto apreciação do emissor e uma expressão honesta de seus sentimentos, não prejudicando a si e nem o receptor (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Os três comportamentos, assertivos, não assertivos e agressivos, podem ser gerais ou situacionais, ou seja, tem pessoas que possuem quase sempre o mesmo comportamento diante de tal situação ou pessoa, outros podem mudar dependendo o ambiente, como, por exemplo, um indivíduo pode se portar de uma maneira não assertiva no seu trabalho por não saber enfrentar o chefe assertivamente, outro pode ser agressivo em casa por não expressar seus sentimentos e emoções durante o dia (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

Em relação ao **comportamento social**: este é um constructo avaliativo do desempenho de um indivíduo (pensamentos, sentimentos e ações) em uma tarefa interpessoal que atende aos objetivos do indivíduo e às demandas da situação e cultura, produzindo resultados positivos conforme critérios instrumentais e éticos. Na tarefa interpessoal requer duas considerações, o equilíbrio de trocas entre os indivíduos e a possibilidade de objetivos conflitantes. É feita uma avaliação do desempenho e de seus resultados, onde remete à dimensão instrumental e ética da competência social. O desempenho deve ser composto por HS e apresentar coerência entre pensar, sentir e expressar. As habilidades sociais agregam uma condição necessária, mas não o suficiente para a competência social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Para atingir o desempenho interpessoal e ter um bom conjunto diversificado de HS, podem ser considerados diversos fatores como buscar em uma tarefa interpessoal, resultados compatíveis com os critérios de competência social, especialmente aqueles associados à dimensão ética, reconhecer os próprios recursos e limitações, bem como regras e normas do ambiente social, articular habilidades em desempenhos mais complexos, monitorando “passo a passo” o próprio desempenho (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2017).

Por fim, a **cognição social**: reconhece a criança ativa e interativa, concedendo a ela um papel construtivo no seu desenvolvimento. A desenvoltura do sociocognitivo começa no

bebê com os princípios do processo de separação-individualização e conexão emocional com o outro e inclui todas as áreas, principalmente as bases de desenvolvimento do ser humano e a variação cultural. “Integra a compreensão crescente das emoções e dos preceptores com o conhecimento das crianças e dos adolescentes acerca dos atributos pessoais dos outros e do *self*” (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021, p.21).

Expressar, tanto sentimentos e opiniões, dizer o que quer com assertividade é uma tarefa difícil tanto para o adolescente quanto para o adulto, mas, pode ser moldada e aprendida com o tempo, ajudando, assim, ao melhor convívio social e/ou em grupo. Isso é adquirido com maior intensidade no ambiente escolar, exigindo comportamentos mais regrados e mais contato social (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021). Portanto é importante estabelecer um repertório de HS para contribuir decisivamente com relações harmoniosas com colegas e adultos desde a infância (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

A competência social é indicada para o ajustamento psicossocial e de perspectivas positivas para o desenvolvimento, enquanto o repertório social enfraquecido pode conceber sintomas ou problemas psicológicos. Adquirir habilidade de comunicação, expressão e desinibição em interações sociais, podem ser convertidas para amizades, respeito, *status* no grupo e melhor convivência (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

A aprendizagem do comportamento social (desejável e indesejável) ocorre por três processos básicos (e suas combinações), demonstrados em experimentos controlados: **orientação** (controlada por regras), **resultados** e **imitação/modelagem**. Na vida social, desde cedo, esses processos podem ser simultâneos ou isolados, planejados ou aleatórios. Qualquer ação ou série de ações que ocorra em uma situação social é considerada um desempenho social. Isso pode ser descrito como sendo socialmente competente ou não socialmente competente. A competência social consiste nos atributos avaliativos desse desempenho, que dependem de seu funcionamento e consistência com os pensamentos e sentimentos de cada um. Ou seja, os indivíduos são considerados competentes em seu desempenho social se agirem de acordo com seus próprios pensamentos e sentimentos (coerência), e as ações sociais realizadas forem adaptadas ao ambiente e trazerem benefícios ao indivíduo (função) (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018).

Ainda sobre a competência social, ela é abordada no campo da HS, como uma central, tem grande importância para o atributo dos métodos das relações interpessoais. É uma característica de um comportamento ou conjunto de comportamentos bem-sucedidos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2010). Tem-se três critérios mais enfatizados na avaliação da competência social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001): (a) **a consecução do objetivo**,

consequências das tarefas sociais, reforçamento positivo, pedir um favor e ser atendido e como reforçamento negativo, interromper ou evitar a situação; (b) **a aprovação social da comunidade verbal**, relacionado a forma do desempenho; e (c) **a manutenção ou melhora da qualidade da relação**, respeito entre as pessoas para o prazer da convivência.

Portanto, habilidades sociais são comportamentos sociais valorizados, aprovados e tolerados pela sociedade. A infância é uma fase em que a criança adquire algumas habilidades, caso os pais possibilitem a aprendizagem, e, também, que eles possuam tais HS. Dessa maneira, há facilitação no processo de desenvolvimento, gerando habilidades para os futuros adolescentes e nas suas relações sociais.

1.2 ADOLESCÊNCIA – DESENVOLVIMENTO INFANTO JUVENIL

A Adolescência é um acontecimento biológico e uma construção social, oferece oportunidades para o crescimento, não só fisicamente, como também na competência cognitiva e sociais, autonomia, autoestima e intimidade. Adolescentes tendem a ter uma maneira diferente de pensar e falar. A velocidade de processar informações é rápida, mesmo com pensamentos imaturos em alguns aspectos, porém, são capazes de raciocinar em termos abstratos e de cometer julgamentos mais sofisticados (PAPALLIA, 2013).

O início da mudança física é considerado um marco importante para a passagem pela puberdade, um processo que leva à maturidade sexual, a alterações físicas e emocionais. São mudanças que fazem parte de um período longo e complexo, envolvendo alterações psicológicas, podendo continuar até a vida adulta (PAPALLIA, 2013).

Piaget, psicólogo suíço e de grande importância para a psicologia evolutiva, aponta que os adolescentes entram no nível mais alto de desenvolvimento cognitivo, operatório formal, que desenvolve a capacidade de pensar em termos abstratos. É um estágio do desenvolvimento que ocorre por volta dos onze anos, proporcionando uma maneira mais flexível de manipular informações. É a estimulação ambiental na infância que desempenha um papel importante para a adolescência (PAPALLIA, 2013).

Desde a infância as HS são aprendidas no processo de aprendizagem e no ambiente social. Na infância, a socialização é uma das tarefas mais importantes no desenvolvimento inicial. Ela amplia e refina o repertório de comportamentos sociais e ajuda na compreensão gradual de valores e regras que estabelecem o funcionamento da vida em sociedade.

Por isso, é importante que crianças e adolescentes saibam observar os tipos de comportamentos adequados e não adequados para se comportar em determinada situação e

evitar uma ação inadequada frente a uma circunstância social (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021).

Além de ser um período de forte aprendizagem das HS, a adolescência é decisiva para o seu treinamento. Muitos comportamentos são adquiridos conforme a prática e com a vivência, como na interação com os pais (CABALLO, 2008 apud RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021). É preciso um repertório elaborado de habilidades sociais para contribuir no crescimento e no desenvolvimento social para não haver problemas de comportamentos futuros (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

A família é responsável pelo investimento na qualidade de relacionamentos interpessoais da criança e as escolas e/ou instituições pela educação escolar e desenvolvimento. Deve-se considerar os diferentes processos de aprendizagens dos comportamentos sociais valorizados no ambiente familiar, escolar e de recreação com a identificação de déficits e problemas internalizantes e externalizantes (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

É importante esse investimento, pois as dificuldades interpessoais na infância são mais fáceis de ajustar. “Os problemas de comportamento que persistem na adolescência, são mais resistentes às intervenções, requerendo programas individualizados e maior esforço para a obtenção de resultados satisfatórios” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 29).

As dificuldades apresentadas podem ser analisadas, na comunicação com o outro, em situações que precisam ter atitudes, como, esperar a vez, saber perder, interpretar e analisar expressões faciais, saber opinar e aceitar opiniões de outros (CONDEMARÍN; GOROSTEGUI; MILICIC, 2006). Além dessas dificuldades, existem algumas emoções, como inibição, ansiedade e estresse, influenciando o comportamento do adolescente, o modo como ele interage no meio social, se consegue ou não expressar seus sentimentos. Esses comportamentos, podem levar o adolescente a se isolar ou mesmo ser excluído pelo seu grupo, fazendo com que a sua qualidade de vida diminua, enaltecendo outros problemas emocionais, como a baixa autoestima (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021).

Os problemas comportamentais e emocionais, acompanhados por diferentes transtornos psicológicos, podem acarretar dificuldades interpessoais na vida social, classificados em dois grupos: problemas internalizantes e problemas externalizantes.

Os problemas externalizantes são mais constantes em transtornos que envolvem agressividade física ou verbal, comportamentos opostos ou desafiadores, atitudes antissociais como mentir, roubar e comportamentos de risco como uso de substâncias psicoativas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 19).

Os transtornos manifestados por agressividade, indisciplina e outros comportamentos antissociais, podem estar relacionados tanto a déficits em componentes da competência social (baixo controle, falta de empatia, percepção errada dos fatos e normas sociais) como a pseudocompetência (ações desafiantes, comportamento opositor, estilo coercitivo ou dissimulado) direcionada para objetivos interpessoais imediatos. Pseudocompetência é compreendida, por alguns comportamentos que se traduzem em formas de enfrentamento que podem produzir consequências imediatas, favoráveis ao indivíduo, mas não atendendo aos critérios de competência social, expressando comprometimento em aspectos cognitivos e afetivos do funcionamento psicossocial (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Os problemas internalizantes são mais identificáveis em transtornos como depressão, isolamento social, ansiedade e fobia social. A ansiedade pode ser caracterizada como uma resposta interna que inclui sentimento subjetivo de desconforto e medo por respostas abertas a fim de evitar ou fugir de situações sociais, incluindo reações fisiológicas de sudorese e excitação geral. Não são bem determinados os limites entre a ansiedade normal e patológica. De modo geral, pode-se avaliar que alguma ansiedade excessiva inibe desempenhos adaptativos. Adolescentes com distúrbios de ansiedade mostram-se muito preocupados com os seus afazeres, com seu tempo disponível para fazer suas tarefas. Além disso, algumas preocupações são seguidas com irritabilidade, tensão muscular, crítica excessiva e dificuldade de concentração. Outra ação que ocorre é nos relacionamentos, o aumento da frequência de brigas e diminuição de encontros sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

As dificuldades interpessoais que retratam os dois grupos de problemas transcorrem basicamente de um conjunto empobrecido de HS, especialmente na empatia, expressão de sentimentos e resolução de problemas, com correlatos cognitivos e emocionais como baixa autoestima, crenças e atribuições disfuncionais, impulsividade e temperamento difícil. Essas dificuldades, caracterizadas pelos problemas, podem ter consequências desfavoráveis para o desenvolvimento saudável, estabelecendo uma preocupação maior para os pais com os filhos que apresentam problemas externalizantes. Estes, são os mais frequentes encaminhados para atendimentos, pois são os mais difíceis de serem ignorados pelas pessoas, apresentando maior resistência a programas de intervenção, especialmente após os 12 anos, podendo ter dificuldades interpessoais mais sérias no futuro (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Portanto, os adolescentes aprendem muito a partir do ambiente, por isso, é necessário que o contexto seja equilibrado para poderem crescer com HS de maneira adequada, não apresentando comportamentos internalizantes e nem externalizantes. Diante disso, é fundamental considerar que a influência dos pais corrobora no ensino de tais potencialidades.

1.3 PAIS E O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADE SOCIAL

Os relacionamentos dos adolescentes com os seus pais, estabelecem uma base para a qualidade de um relacionamento com um(a) companheiro(a) na vida adulta. De um lado, muitos pais querem que seus filhos sejam independentes, por outro, consideram que muitos não estão prontos. Por isso, precisam ter a sutileza de deixar surgir a independência e, ao mesmo tempo, protegê-los de falhas e julgamentos decorrentes da imaturidade. Essa proteção depende de quanto os adolescentes deixam seus pais saberem o que está acontecendo em sua vida, e essas revelações dependem do limite que os pais estabelecem (PAPALIA *et al.*, 2013).

À vista disso, todo o comportamento adquirido pelo adolescente, vem de modelos dos pais, que utilizam suas próprias HS, ensinando a expressar os comportamentos desejáveis e indesejáveis dos filhos, elogiando quando necessário e apontando algumas mudanças, exercendo suas modificações e as consequências positivas e negativas (BOLSONI-SILVA, 2003 apud SANTOS; WALCHELKE, 2019).

Assim, o ambiente familiar é importante para o desenvolvimento do indivíduo, como uma base de recursos e meios protetores para lidar com situações adversas. Os pais e apresentam suporte, demonstrando afeto, criam um ambiente acolhedor, os que não oferecem e não demonstram, acabam gerando sentimentos de vulnerabilidade e incapacidade, fazendo com que prejudique seu desenvolvimento e ficando despreparado para o futuro à frente (CARDOZO; SOARES, 2011).

O ambiente acolhedor proporciona ao adolescente uma comunicação assertiva, possibilitando um espaço saudável em que os pais ajudam os filhos, aconselham e estão dispostos para melhorar o meio social futuro, e assim, conseqüentemente, amenizar problemas de comportamento (BOHANEK *et al.*, 2006).

Em relação a isto, a comunicação verbal é de extrema importância, pois os pais conseguem manejar e elaborar o comportamento dos filhos estabelecendo regras e cuidados necessários (SANTOS; WALCHELKE, 2019). Quanto mais HS os pais possuem, mais rápido e prático será para o filho aprender e adquirir, além de gerar mais envolvimento entre eles (CIA *et al.*, 2006). Já os pais que não apresentam boa comunicação, expressam modelos inapropriados e pouco desempenho social (BARROS, 2008; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000; 2002).

Considerando os aspectos abordados, pode-se acreditar que essas habilidades sociais são entendidas como uma qualificação, delegam uma estratégia de escolha do que ensinar e não ensinar e como ensinar a resolver problemas (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010).

Contudo, os déficits de HS estão relacionados às dificuldades, aos conflitos nas relações interpessoais e uma variação de alterações psicológicas, como problemas conjugais, isolamento, desapontamento escolar, delinquência, suicídio, além de síndromes clínicas como a depressão e a esquizofrenia (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; 2000).

Com base no que foi apresentado, o ambiente familiar é importante para que o adolescente crie uma base para seus relacionamentos futuros, para conseguirem lidar de maneira mais autônoma, sem a necessidade da presença dos pais. Por isso, o contexto familiar é fundamental para o crescimento dos filhos, já que este espaço é parte da construção do desenvolvimento dos indivíduos.

2 MÉTODO

Este trabalho apresenta-se como pesquisa exploratória, diante do estudo por diversos aspectos, como o “levantamento bibliográfico”, entrevistas a partir de sujeitos que “tiveram experiências práticas com o problema pesquisado” e a “análise de exemplos para melhor compreensão” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Em relação à abordagem, esta pesquisa é de natureza qualitativa, na qual o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados e interpretação dos fenômenos. (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 300).

2.1 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

O presente estudo ocorreu por meio da pesquisa de campo, pois esta tem como finalidade obter conhecimento sobre determinado problema para comprovar ou encontrar respostas e suas relações. Assim, diante dos dados coletados realizou-se o registro das variáveis para a análise, considerando, também, os modelos teóricos de referência (LAKATOS; MARCONI, 2017).

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário gerado na plataforma *Google Forms*, cujo *link* foi encaminhado aos participantes. “O questionário é um instrumento de coleta de dados que compreende um conjunto de perguntas previamente elaboradas que, diferentemente da entrevista, deve ser respondido por escrito e enviado ao pesquisador” (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 323).

A pesquisadora disponibilizou convites aos pais de adolescentes de 12 a 15 anos em seu círculo social, solicitando compartilhamento do *link* com outros pais com filhos que tivessem as mesmas características, determinando o processo de constituição da amostra por

acessibilidade. Estimava-se alcançar 50 participantes (pai e mãe) que tivessem filhos e filhas de 12 a 15 anos. Entretanto, retornaram apenas 16 questionários.

Este projeto seguiu as diretrizes das resoluções 466/12 e 510/16. Ao contatar os pais pela ferramenta *WhatsApp*, a pesquisadora realizou uma breve apresentação de si e da proposta da pesquisa, mencionando sobre o TCLE. Clicando no *link* do convite, os participantes poderiam ler o TCLE que, estando de acordo, eram convidados a clicarem em “concordo”, o que os remetia à instrução e *link* para *download* do TCLE. Clicando em “prosseguir” iniciava-se o questionário. Assim, os participantes eram esclarecidos acerca do sigilo de anonimato de sua participação e do uso de suas respostas. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, por ser um trabalho com seres humanos, resguardando total sigilo e anonimato dos participantes.

A análise dos resultados foi realizada a partir das frequências das respostas emitidas no que se refere às questões de múltipla escolha. Para questões abertas empregou-se a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 2013).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise deste projeto foi desenvolvida pela contabilização da frequência das respostas e o respectivo percentual nas perguntas fechadas. Nas questões abertas foi realizada a categorização dos dados. A pesquisadora organizou-os conforme os objetivos específicos, apresentando em quadros e tabelas. A evocação de respostas das perguntas nº 1 e 5 dos participantes foram mencionados, identificando-os a partir de dados textuais.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

Participante	Idade	Escolaridade	Profissão	Idade do filho
Mãe	20-30	Médio completo	Maquiadora	12

Mãe	20-30	Médio completo	Gerente	12
Mãe	31-40	Médio completo	Autônoma	12
Mãe	31-40	Graduação	Comerciante	13
Mãe	41-50	Pós-graduação	Professora	14
Mãe	41-50	Pós-graduação	Pedagoga	14
Mãe	31-40	Médio completo	Empresária	14
Mãe	Mais de 50	Médio completo	Empresária	14
Mãe	41-50	Graduação	Professora	14
Mãe	41-50	Médio completo	Autônoma	14
Mãe	31-40	Graduação	Auxiliar RH	15
Mãe	Mais de 50	Médio completo	Do Lar	15
Mãe	41-50	Pós-graduação	Analista Acadêmico	15
Pai	41-50	Médio completo	Empresário	14
Pai	41-50	Graduação	Eng. Civil	15

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

Em relação aos participantes 86,7% são mães e apenas 13,3% são pais. Os dados apontados, 13,3% possui de 20 a 30 anos, 26,7% de 31 a 40 anos, 46,7% de 41 a 50 anos e 13,3% mais de 50 anos. O grau de escolaridade da maioria dos participantes (53,3%) é ensino médio completo, 26,7% são graduados e 20% pós-graduados. Pode-se analisar a variação de profissões, 13,3% autônoma, 20,4% empresário(a), 13,3% professora, os outros percentuais são de 6,7% das seguintes profissões: engenheiro(a) civil, maquiadora, gerente, comerciante, pedagoga em educação especial, auxiliar de RH e do lar.

Quanto à organização familiar, 46,7% dos adolescentes moram apenas com a mãe, outros 46,6% moram com pai e mãe e 6,7% moram com mãe e padrasto. Dentre os participantes, 66,7% possuem mais de um filho. A idade dos filhos sobre os quais os participantes responderam às perguntas variou, sendo 20%, 12 anos, 6,7%, 13 anos, 46,7%, 14 anos e 26,7%, 15 anos.

Tabela 1 – Considerações sobre as Habilidades Sociais e problemas de comportamento.

	Sim		Não	
	Freq.	%	Freq.	%
Você se considera uma pessoa com HS?	14	93,3	1	6,7
Você considera que seu filho(a) apresenta problemas de comportamentos?	6	40,0	9	60,0
Você considera que seu filho(a) possui HS?	15	100		

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

De acordo com a tabela acima, 93,3% dos entrevistados consideram que possuem habilidades sociais e todos os participantes entendem que seus filhos possuem habilidades sociais. Entretanto, 40% dos pais observam que seu filho apresenta problemas de comportamento.

Quando questionados sobre quais palavras lhes vinham em mente quando ouvem falar em habilidades sociais, as evocações mais lembradas foram "comunicação" e "interação". O termo "comunicação" pode ser analisado nas situações que precisam de atitudes, como, esperar a vez, saber perder, interpretar e analisar expressões faciais, saber opinar e aceitar opiniões de outros (CONDEMARÌN GOROSTEGUI; MILICIC, 2006). Habilidades de comunicação, expressão e desenvolvimento nas interações sociais, se desenvolvem em amizades, respeito, *status* no grupo e uma convivência no cotidiano mais agradável (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

A "interação" pressupõe relação entre duas ou mais pessoas, e, de acordo com Vygotsky, as pessoas aprendem por meio da interação social, adquirindo habilidades cognitivas como parte de sua indução a um modo de vida. São atividades compartilhadas que ajudam os indivíduos a internalizar os modos de pensar da sociedade (PAPALLIA, 2013). Tendo uma interação social bem conduzida, um excelente repertório de habilidades sociais aumenta a probabilidade de consequências positivas e diminui ou ameniza os efeitos negativos para o sujeito (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2018).

Tabela 2 - Problemas de comportamentos apresentados pelos filhos

	Freq.	%
Ansiedade social	4	26,0
Timidez	4	26,0
Reduzida interação social	4	26,0
Teimosia	2	13,3
Dificuldade em expressar emoção/sentimento	1	6,6
Não observam presença de problemas	0	0

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

As respostas apresentam observações sobre o comportamento do adolescente, no que se refere ao modo como ele interage no meio social, com presença de sintomas internalizantes, como ansiedade e timidez e dificuldade para expressar seus sentimentos. Isso acaba fazendo com que o adolescente se isole ou até mesmo seja excluído pelo seu grupo de amigos, enaltecendo a baixa autoestima (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021).

A pouca interação faz com que o adolescente perca experiências, não aprimore seus comportamentos, resultando em baixa qualidade de vida. O auxílio dos pais é fundamental para fazer com que o adolescente interaja mais com o ambiente e seus colegas, ampliando suas experiências.

Os problemas comportamentais e emocionais que se expressam como dificuldades interpessoais na infância, são classificados em dois grupos: externalizantes, que predominam em relação a outras pessoas e os internalizantes, predominam em relação ao indivíduo. Essas dificuldades interpessoais que são caracterizadas pelos dois grupos de problemas, acontecem por causa de um repertório fraco de habilidades sociais, especialmente em termos de empatia, expressão de sentimentos e resoluções de problemas, como baixa autoestima, crenças, impulsividade, temperamento difícil, dentre outros, que são características que podem ter consequências desfavoráveis para o desenvolvimento saudável (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001).

A ansiedade está associada ao problema internalizante, assim como os de queixas somáticas, fobia social, depressão e todos com implicações de isolamento social e o autoconceito. Quanto à ansiedade, tão citada pelos pais, pode ser definida como uma resposta interna que envolve sentimentos inerentes de desconforto e medo, por respostas de fuga de

situações sociais. Adolescentes com distúrbios de ansiedade mostram-se extremamente preocupados com os seus afazeres, com seu estado de saúde e com o tempo que tem disponível para cumprir suas tarefas. Além disso, algumas preocupações são acompanhadas com irritabilidade, tensão muscular, crítica excessiva e dificuldade de concentração (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Em relação ao citado acima, tais questões da ansiedade geram um isolamento social, refletindo em habilidades sociais fracas, em especial a de conversação e expressão não-verbal de sentimentos. São déficits que colocam o adolescente em situações difíceis, ele se sente desconfortável, inseguro em ter contato sociais, principalmente em situações que precisa falar de si mesmo, expressar afetos ou desagrado, defender sua opinião e aceitar críticas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Mães e pais que apresentam bom repertório de habilidades sociais, facilitam o relacionamento com os seus filhos. A família é o primeiro ambiente social da criança, onde é desenvolvido comportamentos que vão moldando ao longo do tempo (BOLSONI-SILVA; MARTURANO, 2002).

A adolescência é uma construção social, ela muda não só a aparência como também a maneira de agir e pensar. “As habilidades sociais são aprendidas desde a infância e é importante que as crianças e os adolescentes saibam distinguir os tipos de comportamentos” (RODRIGUES; FOLQUITTO, 2021, p.21). A timidez excessiva traz em conjunto a baixa autoestima, evitando o contato social e visual, gestos pouco enfáticos e até mesmo gaguejar, o que leva o adolescente se esquivar, distanciar e ter fuga diante de situações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

“O desempenho de habilidades sociais é influenciado por características do contexto social e cultural” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p. 74). Por isso, o ambiente que o adolescente frequenta é decisivo para seu meio, pois ele irá adquirir suas habilidades sociais sendo hostil ou não. Muitos comportamentos são adquiridos de acordo com a vivência, como a interação com os pais e com seus colegas.

Tabela 4 - Percepção sobre os comportamentos

	Freq.	%
Ansioso	5	33,3

Comunicativo	4	26,7
Tímido	3	20,0
Isolado	2	13,3
Triste	1	6,7
Agressivo	0	0
Assertivo	0	0

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

A tabela acima representa a identificação da frequência de respostas apontadas pelos pais sobre a percepção dos comportamentos dos filhos. A primeira alternativa “ansioso” possui uma alta frequência, cujos participantes, três são pais de meninas e dois são pais de meninos, ambos de 14 anos. A ansiedade é um conjunto descritivo de sentimentos de apreensão e desconforto diante de situações sociais podendo levar a reações mais intensas por uma desordem de comportamento e autonômica, como, aceleração dos batimentos cardíacos, sudorese, cefaléia e dificuldade na respiração que envolve o desempenho social ou pode inibir. O excesso de ansiedade em situações sociais, pode decorrer a partir de exigências perfeccionistas dos pais ou do próprio adolescente e de experiências diferentes em determinadas situações (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

A segunda categoria mais votada foi “comunicativo”, de acordo com as respostas dos pais, sendo os filhos, um menino e uma menina de 12 anos e duas meninas de 15 anos. A esse respeito, cabe considerar que a comunicação é essencial para a nossa evolução e, é responsável pelas trocas sociais que mantêm e alteram a cultura e a realidade social. As habilidades de comunicação são classificadas como verbais e não-verbais. “A comunicação verbal é mais consciente, explícita e racional, dependendo, entre outros fatores, do domínio da língua e das normas sociais de seu uso, a não-verbal complementa, ilustra, regula, substitui e algumas vezes se opõe à verbal.” (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001, p. 64). As mensagens passadas como, posturas, gestos, expressões faciais e os movimentos do corpo, são comunicações não-verbais, como por exemplo, quando nos equivocamos de alguma coisa batemos a mão na testa, também mexemos os ombros para apontar a indiferença. Pessoas com boa competência social conseguem entender e identificar os significados da comunicação verbal e não-verbal (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001).

A palavra “tímido” foi marcada pelos pais de um menino de treze anos e uma menina de quinze anos. A família é o primeiro contato social que o filho(a) possui, portanto, criam a base da estimulação inicial dos modelos de relacionamentos e de competência social para que

o indivíduo possa moldar ao longo do tempo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005). Na primeira fase da vida, a criança imita os pais, copiando seu comportamento e principalmente o comportamento emocional. Os pais que não possuem um bom repertório de habilidades sociais, acabam gerando problemas futuros para seus filhos. (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Com o início da adolescência podemos perceber adolescentes introvertidos, mais retraídos para si e extrovertidos, mais comunicativos, por isso é importante aprimorar a aprendizagem de habilidade social, como por exemplo: como se apresentar em público, ter uma forma de saber como falar e o conteúdo que irá expor (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Uma outra palavra apontada no quadro acima, é “triste”, uma única resposta que traz a mãe de um menino de 14 anos. Para alguns adolescentes, é difícil admitir alguns sentimentos e muitos podem se sentir confusos com suas emoções podendo reagir com fuga, briga, frustração ou tristeza. Falar dos seus sentimentos e saber identificar suas emoções, são habilidades importantes que ajudam a discernir a sensação de incômodo em algo leve e ainda assim, quando falam de seus sentimentos em determinadas situações, acabam fornecendo pistas do seu comportamento (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Tabela 5 - Dificuldade de se relacionar

	Freq.	%
Amigos	4	26,7
Familiares	2	13,3
Professores	1	6,7
Sem dificuldade	2	13,3
Desconhecidos	3	20,1
Pessoas com pouco contato	2	13,3

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

Quando questionados sobre quais dificuldades de relacionamento dos filhos, foram apontadas as seguintes alternativas: amigos, familiares, professores e outros. Pode-se analisar a frequência das respostas na dificuldade de se relacionar com amigos. O grupo de amigos influencia o raciocínio pró-social e moral para a constituição de uma base para desenvolver habilidades sociais e principalmente de empatia. Além disso, a relação com colegas constitui

um conjunto que afeiçoam características do desempenho social do sujeito, como a expressão de comportamentos em situações sociais, favoráveis ou não para a relação afetiva. O *status* conquistado no grupo, experiências de aprovações ou rejeições, estão referentes aos comportamentos de colaboração, ajuda, acompanhamento de regras, o saber controlar sua raiva e a agressividade e outros informativos de comportamentos sociais. Essa influência pode trazer outros comportamentos, como antissocial, fazendo com que o desenvolvimento de relações interpessoais seja indesejável (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001).

Outra frequência de resposta apontada, foram os “familiares”. O contexto familiar possui vários tipos de relações, como, marido e mulher, pais e filhos, irmãos e parentes. De acordo com a habilidade social do indivíduo, o ambiente familiar pode ser de conflitos ou de harmonia (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001). Quando crescem, os filhos passam a desenvolver interesses, ideias e hábitos que acabam gerando conflitos familiares. Nem sempre, os pais conseguem identificar os sinais que podem ser início de conflito ou até mesmo os sinais que podem ser um comportamento desejável. Muitas vezes os pais acabam olhando mais para os comportamentos que quebram as regras e que são inadequados, com isso, os pais procuram medidas punitivas que estabelecem resultados poucos efetivos, pois geram mais sentimentos negativos, como a raiva, o abatimento e a revolta.

A adolescência, é um grande marco de grandes conquistas e descobertas, é o momento de experimentar coisas novas como as possibilidades cognitivas e o despertar sexual, mas também um período de instabilidade emocional, por conta das alterações hormonais. É importante a criação de ações educativas, como as regras de convivência com os seus familiares e passar os valores de comportamentos que implicam nos diálogos e nas habilidades (DEL PRETTE, DEL PRETTE, 2001).

Outra resposta apresentada, foi dificuldade na relação com “professores”. A dificuldade de se relacionar com professores, pode salientar as críticas, trazendo comentários negativos. Uns costumam criticar, outros elogiar, porém, muitas vezes pode ser interpretado de forma generalizante, ao invés do professor ressaltar os comportamentos adequados. Para que isso não ocorra, os pais devem ficar atentos e acionar a escola sobre o determinado assunto, e também é importante que o professor saiba se o aluno possui ou não dificuldade de aprendizagem (BARROS, 2008; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2000; 2002).

Alguns pais apontaram que seus filhos não têm problemas de relacionamento, outros afirmam que apenas têm problemas de relacionamento por ser uma pessoa desconhecida, que não tem convívio. Diante disso, quando o adolescente traz inibição de comportamento por não conhecer determinada pessoa (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005).

Tabela 6 - Comportamentos diante de um “não”

	Freq.	%
Triste	9	60,0
Compreensivo	3	20,0
Opositor	2	13,3
Desafiador	1	6,7
Agressivo	0	0

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

O quadro acima mostra os comportamentos ao receber um “não”, ou seja, a provável frustração de um objetivo. A frequência mais alta foi “triste” (60%). O comportamento “compreensivo” (20%) é relativo a bom repertório de habilidade social, entendendo e compreendendo as respectivas demandas. O “opositor” (13,3%), “desafiador” (6,7%) e “agressivo” (0%), são comportamentos externalizantes, o indivíduo se volta contra o ambiente, podendo envolver agressividade verbal e até física, comportamentos opositores ou desafiantes.

Quadro 2 – Percepção dos pais sobre sentimentos e comportamentos dos filhos

Perguntas	Não é verdade		Algumas vezes é verdade		Muitas vezes é verdade		Quase sempre é verdade	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Percebo que meu filho(a) tem dificuldades de aprendizagem.	8	53,3	4	26,7	2	13,3	1	6,7
Percebo que meu filho(a) expressa sentimentos negativos e consegue falar sobre eles	6	40,0	6	40,0	2	13,3	1	6,7
Percebo que meu filho(a) expressa seus sentimentos e possui interesse aos sentimentos dos outros	1	6,7	5	33,3	4	26,7	5	33,3
Percebo que meu filho(a) interage com os amigos, familiares e pessoas do ciclo social	2	13,3	5	33,3	5	33,3	3	20,0
Percebo que meu filho(a) sabe opinar e aceita opiniões de outros	3	20,0	5	33,3	7	46,7	0	0
Percebo que meu filho(a) sabe esperar a vez e mostra-se compreensivo	2	13,3	3	20,0	8	53,3	2	13,3

Percebo que meu filho(a) possui baixa autoestima	8	53,3	4	26,7	0	0	3	20,0
Percebo que meu filho(a) possui impulsividade	6	40,0	6	40,0	3	20,0	0	0
Percebo que meu filho(a) possui dificuldade de concentração	3	20,0	5	33,3	5	33,3	2	13,3
Percebo que meu filho(a) possui falta de empatia	10	66,7	1	6,7	4	26,7	0	0
Percebo que meu filho(a) possui percepção distorcida dos fatos e normas sociais	8	53,3	5	33,3	2	13,3	0	0
Percebo que meu filho(a) possui baixo controle emocional	7	46,7	5	33,3	2	13,3	1	6,7
Percebo que meu filho(a) evita ou foge de situações, eventos ou conversas que envolvem muitas pessoas	4	26,7	6	40	3	20	2	13,3

Fonte: Coleta de dados realizada pela autora, 2023.

No quadro apresentado acima, pode-se analisar a percepção dos pais com relação aos comportamentos dos seus filhos. Observa-se um alto índice de percentuais variados em positivos e negativos diante da percepção dos pais. Os percentuais positivos são eles, 53,3% apontaram que seus filhos não possuem dificuldade de aprendizagem, expressam sentimentos e possuem interesse aos sentimentos dos outros (33,3%) nota-se a empatia, que segundo Del Prette (2005) ter empatia é de extrema importância, pois são habilidades empáticas caracterizadas pela expressão afetiva de compreensão e compartilhamento com uma experiência positiva ou negativa, ou seja, colocando assim, a necessidade do outro à sua frente.

Ainda em relação ao quadro 2, percebe-se um empate entre duas alternativas, a interação com os amigos, familiares e pessoas do ciclo social, compreende-se como um comportamento de forma positiva para a sua convivência no cotidiano.

A percepção sobre a capacidade do(a) filho(a) em opinar e aceitar a opinião dos outros, teve uma alta frequência (46,7%). De acordo com Del Prette (2005), saber expressar e aceitar opiniões é uma habilidade importante para construir relações de confiança, honestas e saudáveis, assim como saber esperar a vez e mostrar-se compreensivo (53,3%) traz o efeito da competência social, atendendo adequadamente às demandas do ambiente social.

Ainda em relação ao assunto, os problemas de comportamento apontados foram dificuldade de concentração (40%), dificuldade de expressar sentimentos negativos (40%),

baixa autoestima (53,3%) e impulsividade (40%). Rodrigues e Folquitto (2021) apontam que esses comportamentos podem levar o adolescente a se isolar, ou ser excluído pelo seu grupo de amigos, adquirindo outros problemas emocionais, como a baixa autoestima. Evitar ou fugir de situações, eventos ou conversas que envolvem muitas pessoas (40%), segundo Papallia (2013), é por meio da interação social que se adquire habilidades sociais. Segundo as respostas apontadas pelos pais, seus filhos possuem habilidades desenvolvidas, fazendo com que seja importante para o relacionamento com o meio social.

Salienta-se conteúdos que indicam preservação de habilidades sociais do filho, na perspectiva dos pais: não possui baixa autoestima (53,3%), manifesta empatia (66,7%), compreende fatos e normas sociais (53,3%)., possui controle emocional (46,7%).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo foi elaborado a fim de conhecer a perspectiva dos pais acerca de Habilidades sociais e problemas de comportamentos de seus filhos adolescentes. A pesquisa destaca-se a partir de três objetivos específicos, os quais foram alcançados. O primeiro objetivo específico salientou identificar a compreensão dos pais acerca das habilidades sociais presentes nas relações sociais dos filhos que, referente à pesquisa realizada pode-se perceber as variações de alguns problemas de comportamentos: pouca interação, falta de concentração, tímido(a), teimoso(a), ansioso(a), seletivo(a) e influenciável.

O segundo objetivo buscou verificar o reconhecimento da presença de problemas de comportamentos internalizantes e externalizantes. Como, internalizantes foram observados: triste, ansioso, tímido, isolado, permitindo a identificação da dificuldade de se relacionar com amigos, familiares e professores, e, como externalizantes, comportamento opositor e desafiador.

O terceiro e último objetivo específico buscou identificar as preocupações dos pais quanto aos comportamentos percebidos nos filhos. Aponta-se a preocupação maior de ansiedade e interação social, principalmente em situações ou conversas que envolvem muitas pessoas.

Tendo em consideração os objetivos, percebe-se a importância da identificação dos problemas de comportamentos internalizantes e externalizantes, para assim verificar e aprimorar os componentes de competência social e de habilidades sociais dos adolescentes de 12 a 15 anos. Diante disto, pode-se entender que inicialmente os pais acreditam que os filhos possuem habilidades sociais, porém ao longo da pesquisa revelam comportamentos que não são compatíveis com HS. Os resultados revelam a importância do repertório de habilidades

sociais tanto dos pais quanto dos filhos, sendo aprendidas e treinadas para construir um ambiente familiar e social mais estável preservando-os de problemas de habilidades sociais.

Embora este artigo tenha sido conduzido com uma amostra pequena de pais, entende-se que são importantes novas pesquisas com a finalidade de alcançar um maior número de participantes. Além disso, sugere-se que sejam realizadas novas pesquisas que possam problematizar habilidades sociais paternas/maternas e habilidades sociais dos filhos (crianças/adolescentes) na perspectiva deles e dos pais (respectivamente), proporcionando assim, ampliação da compreensão da construção de tais habilidades e as possibilidades de psicoeducação e intervenção.

REFERÊNCIAS

- BARROS, S. K. S. N. **Treinamento de habilidades sociais para pais com queixas escolares**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial – Universidade Federal de São Carlos, 2008.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, ago. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n2/v16n2a07.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. **Estudos de psicologia**, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/9mqzq5FXLBVB6PyZPMDf3LR/?lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.
- BOHANEK, M. A. *et al.* Family Narrative interaction and children's sense of self. **Family Process**, v. 45, n. 1, p. 39-45, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16615252/>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- CARDOZO, A.; SOARES, A. B. Habilidades sociais e envolvimento entre pais e filhos com deficiência intelectual. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 31, n. 1, p. 110-119, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/PWCNQGSQx7LTVCPj8HmrFgS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- CIA, F. *et al.* Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais de filhos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/TT4MWpwj9MYxd7SqvnTMHQg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 out. 2022.

CONDEMARÍN, M.; GOROSTEGUI, M. E.; MILICIC, N. **Transtorno do déficit de atenção:** estratégias para o diagnóstico e a intervenção psicoeducativa. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

DAVIS, M. H. A multidimensional approach to individual differences in empathy. **JSAS Catalog of Selected Documents in Psychology**, v. 10, n. 85, 1980. Disponível em: https://www.uv.es/friasnav/Davis_1980.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais:** terapia e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Competência social e habilidades sociais:** manual teórico-prático. Petrópolis: Vozes, 2017.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Inventário de Habilidades Sociais.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. *In:* KIENEM, N. *et al.* (Orgs.). **Análise do comportamento:** conceitos e aplicações a processos educativos, clínicos e organizacionais. Londrina: UEL, 2018. Cap. 1. p. 39. E-book. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/pgac/wp-content/uploads/2019/01/UELlivro5dez18press.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância:** teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2005. E-book. Disponível em: https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/3767444/mod_resource/content/1/Livro.pdf. Acesso em: 15 out. 2022.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das relações interpessoais:** Vivências para o trabalho em grupo. Petrópolis: Vozes, 2001.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais:** terapia e educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e análise do comportamento: Proximidade histórica e atualidades. **Perspectivas**, v. 1, n. 2, p. 104-115, São Paulo, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-35482010000200004&lng=pt&nrm=iso. acesso em: 27 out. 2022.

FALCONE, E. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-32, jun. 1999. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003&lng=pt&nrm=iso. acesso em: 27 out. 2022.

GRESHAM, F. M. Análise do comportamento aplicada às habilidades sociais. *In:* DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Psicologia das habilidades sociais:** diversidade teórica e suas implicações. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 1, p. 17-66.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Técnicas de pesquisa**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021. E-book. Acesso restrito via Minha Biblioteca.

PAPALIA, D. E. et al. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, C. E. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

Disponível em:

https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf. Acesso em: 27 out. 2022.

RODRIGUES, C. L.; FOLQUITTO, C. T. **Baralho de habilidades sociais: desenvolvendo as relações**. Sinopsys, 2021.

SANTOS, E. B.; WALCHELKE, J. Relações entre habilidades sociais de pais e comportamentos dos filhos: uma revisão da literatura. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João Del Rei, v. 14, n.1, p. 1-15, mar. 2019. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082019000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2022.